



O

M

A

R

I

A

N

O

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VI

Florianópolis, Agosto de 1948

N. 6

O CONSTRUTOR

Virtude: Resignação: i. é, conformar a nossa com a vontade de Deus na vida de todos os dias.

Defeito oposto: Revolta contra a providência divina.

O Construtor: "Ensina-me, Senhor, a fazer a vossa vontade, pois vós sois meu Deus". (300 dias de indulgência).

O Ajudante: "Nas vossas mãos, Senhor, encomendo o meu espírito". (100 dias).

Método: Começa o dia com atos de conformidade com a vontade de Deus. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; diz estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

O Divino Mestre: "Ensina-me, Senhor". Deus não é somente meu Creador e Salvador, mas ainda meu mestre e guia. A vida está repleta de problemas e perigos. A não ser que um Deus de infinita verdade, sabedoria e amor ilumine a nossa mente, mestres falsos levar-nos-ão à miséria para o tempo e a eternidade. — "Ensina-me, Senhor, a fazer a vossa vontade". A vida é uma batalha permanente entre vontades. À vontade de quem obedecerei — à de Deus ou à de Satanaz? Satanaz insinua a nosso orgulho que estamos fazendo a nossa própria doce vontade, quando, de fato, somos seus miseráveis escravos. Ele favorece nossa preguiça e sensualidade, desperta em nós a inveja e o ciúme, enche a alma com vingança, ódio e rebelião aberta contra Deus e Seus mandamentos. — Mas Deus é um bom e amoroso pai, que, constantemente, traz em mente nosso verdadeiro bem-estar e felicidade. A divina providência dirige e forma cada detalhe de nossa vida; pois nada nos acontece por acaso. A divina sabedoria manda ou permite cada sucesso ou falha, cada cruz e glória, cada tentação e vitória. "Olhai os lírios dos campos. Nem semeiam nem recolhem. Ó vós de pouca fé! Não valeis vós mais do que eles?"

Construindo: A aspiração: "Ensina-me, Senhor, a fazer a vossa vontade, pois vós sois meu Deus", controla a Resignação na alma perturbada, porque descansa segura nos braços fortes de seu Deus. Ela nota que Jesus Cristo, seu Salvador, chama pelo terno nome de irmão, irmã e até mãe aqueles que fazem a vontade de seu Pai no céu. Como prática de virtude, o Cons-

O Tosão de Ouro, por Bertita Harding; Livraria José Olympio Editora, 2. edição, Rio de Janeiro, 1947. — A autora apresenta-nos a história do casal imperial Francisco José e Elisabeth da Áustria. Não há dúvida, o livro oferece leitura interessante. Lamentamos, entretanto, o tom frívolo que já se tornou um hábito em Bertita Harding, quando ela chega a falar da Igreja Católica e de suas instituições e costumes. Quer fazer-se de engraçada à custa da Igreja. Este costume é revelador de superficialidade. Um exemplo dessa super-

trutor consiste em fazer atos positivos de santa resignação; deliberadamente, preferimos submeter a nossa vontade à vontade de Deus, manifestada a nós pelo decálogo, pelos conselhos evangélicos e bem-aventuranças; livremente, escolhemos aceitar das mãos de Deus as alegrias e tristezas de nossa vida. Porque o homem propõe, e Deus dispõe. — O valor impetratório do construtor implora a Deus Sua poderosa graça que ilumina a nossa mente ignorante para que compreenda a sabedoria do sofrimento e o triunfo final do fracasso. Cada aspiração repetida pede a graça de inspiração para aceitarmos pacientemente a nossa cruz, e não murmurarmos nem nos revoltarmos contra os designios de Deus a nosso respeito.

O Ajudante agindo: "Nas vossas mãos, Senhor, encomendo o meu espírito". São as palavras de Jesus moribundo na cruz. Que modelo de santa resignação é nosso divino mestre e guia! Que vida de sofrimento e humilhação Seu Pai celeste tinha planejado para Seu muito amado Filho! Experimentou toda espécie de sofrimentos físicos e tortura mental, inventada pelos demônios do inferno para esmagar Sua alma generosa. Foi tudo em vão. "Não a minha, mas a vossa vontade", foi a oração de todas as horas, em Seu coração. — Em tempos de provas, tentações e tristezas unamos nossos corações intimamente com o Coração Sagrado morrendo sobre a cruz, com os laços de amor divino. Pois "aos que amam a Deus, todas as coisas são para seu bem". Cada aspiração repara pecados do passado, cultiva a virtude da fé, paciência e resignação e assim ganha mérito para o céu. Pois "julgo que os sofrimentos deste tempo não valem em comparação com a glória futura que nos será revelada".

Charles A. Imbs, S. J.

LIVROS

ficialidade ocorre-nos logo no início da obra (à página 13, para ser exato), quando ela faz ao duque Max "em vão avaliar o quanto Nenê transgredia a lei de Mendel". Acontece que nesse ano de 1853, o Pe. Mendel apenas concluiu seus estudos universitários e, provavelmente, nem suspeitava da existência da lei cujo descobridor se ia mais tarde. Além disto, parece que Harding não interpreta bem os fatos referentes ao príncipe herdeiro e à tragédia de Mayerling. Para quem ler o livro da condessa Larisch (Countess Marie Larisch: My Past; Eveleigh Nash, London, 1913), a situação apresentar-se-á um pouco diferente, embora não mais edificante. Se Harding revisse, sob estes pontos de vista, sua obra, esta ganharia valor maior. — Sec.: C.

O Clube da Morte, A Febre Verde, O Enigma do Automóvel de Prata, O Crime da Represa Nova, por Ronnie Wells; Livraria Martins Editora S. A., São Paulo, s. a. — Eis quatro volumes de aventuras de Dick Peter. Se você gosta de movimento, de ação numa história, pegue estes livros. Há de gostar. — Sec.: A.

DO MEU DIÁRIO

3 de Julho. — A Secção dos Maiores discutiu o tema: "A Alemanha deve ter uma oportunidade de se restabelecer como nação livre?" — Cada país interessado tinha seu delegado. O Hélio falou como um autêntico Molotov. Deus nos livre!

14 de Julho. — O P. Diretor explicou os paramentos usados na santa Missa. Quando mostrou como o diácono usa a estola, o Pixote levantou o dedo e disse: "Como o Presidente da República". — Será mesmo?!

24 de Julho. — Que o Walmor estava interessado pelo inglês, sempre o sabia. Mas que ele se entregava ao culto do pugilismo, esta era nova para mim. Há, portanto, ainda uma fraca esperança de que crie um pouco mais musculatura.

27 de Julho. — Ontem, um grupinho dos Menores fora à chácara do colégio. Armando, noticiando que, pela primeira vez em sua vida (ainda bastante curta, por sinal), tinha provado queijo de porco, achou meio estrambótico tal nomeclatura da tal iguaria. Constatou nisto o P. Maroco e propôs chamá-lo de ora em diante "marmelada de porco".

É BOM SABER...

— A Academia Francesa a cujos membros se costuma dar o título de "Os Imortais", elegeu, para substituir a um dos sócios falecidos, o P. Guilherme de Jerphanian, S. J., arqueólogo de grande prestígio e que, desde há anos, é membro da Academia Pontificia Romana.

— No decênio 1930-1940, os colégios e universidades dos jesuitas das Províncias de Nova Iorque e Maryland deram 900 (novecentas) vocações sacerdotais e religiosas, mais da metade destas para a própria Companhia de Jesus. No fim da guerra, entraram 130 ex-combatentes na Companhia.

— O aluno mais popular da Universidade Gonzaga, em Spokane (U. S. A.), o célebre artista de cinema Bing Crosby, acaba de enviar mais um cheque de 25.000 dólares a sua Alma Mater. Somando este com os anteriores, chega-se à quantia de 75.000 dólares, quantia com a qual quis contribuir para a construção do novo pavilhão de engenharia que está levantando aquela Universidade jesuita.

(De Nuestra Vida — Lima, Perú).

— Num sermão, proferido na catedral de Westminster, em Londres, o Cardeal Griffin disse: "Custará sacrifícios e esforços semelhantes aos dos primeiros Apóstolos, se quisermos pregar Cristo ao mundo e reconduzir este mundo a Cristo... Não há sentido em encolerizar-se com os erros do comunismo, se nós mesmos formos incapazes de melhorar as condições, com o favor das quais o comunismo pode florescer e frutificar. Devemos convencer-nos de que temos que praticar a justiça social para com os nossos semelhantes em toda parte". Verificou ainda que é injusto afirmar que tudo no comunismo é mau, enquanto houver comunistas que realmente se esforçam por melhorar a sorte de seus semelhantes, muitas vezes muito mais do que nós, cristãos. O nosso fito deve ser: vencer o comunismo por nossa luta pela justiça social, e não por mera crítica.

— Em Manchester (Inglaterra) falou o Bispo irlandês Marshall sobre os problemas da atualidade. Observou: "Hoje em dia, ataca-se a liberdade no mundo, e só Deus sabe o que nos reserva o futuro. Mas tenho a firme convicção — e falo agora como Bispo irlandês — Que povo e sacerdotes da Irlanda ajudarão a qualquer povo que tiver que defender sua liberdade, se se chegar a uma luta geral pela liberdade do indivíduo como dos povos".

— A Embaixada da Lituânia, em Washington, fala sobre a situação

MARIANOS CÉLEBRES

15. Pierre Corneille

Não há dúvida, muito se deve ao Renascimento. Entretanto, não faltam os senões. Além de outros, deve ser assinalado o retardamento que causou no desenvolvimento do teatro. Só na Espanha e na Inglaterra não conseguiu estancar as fontes perenes nas quais os dramaturgos haurem seus assuntos. A lenda, a história dos povos e os tesouros da poesia popular suprem abundantemente material para o palco.

Na França, entretanto, o teatro limitava-se, no XVº século, a representar, com meios assaz primitivos, mistérios e peças italianas, espanholas e da antiguidade.

Sob a influência dos "salons", a linguagem tornara-se artificial.

Foi Pierre Corneille quem elevou o teatro francês à altura clássica.

Pierre nasceu, em Rouen, aos 6 de Junho de 1606, como filho de um funcionário público. Na sua cidade natal frequentou o colégio dos jesuítas. Este fato deveria ter consequências decisivas.

Lá entrou na Congregação Mariana. Mas lá, também, encontrou na pessoa do P. Claude de Lidelle um mestre que soube despertar no jovem Pierre o gosto pela literatura. Uma santa amizade enlaçou mestre e aluno para toda a vida.

Depois de concluído o curso colegial, Pierre dedicou-se ao estudo do direito.

Formado, conseguiu o posto de advogado geral num tribunal de Paris. Com 23 de idade escreveu sua primeira comédia "Mélite" que lhe atraiu a atenção do onipotente Richelieu, que o incluiu no número dos "Cinco Poetas Palacianos" e lhe determinou uma pensão. Quando mais tarde, Richelieu pretendeu modificar e corrigir alguns escritos de Corneille, este pediu licença e renunciou à pensão.

Com seu "Cid" alcançou um triunfo inaudito, mas também muitos inimigos invejosos. Isto não o impediu de escrever outras peças e recolher novos triunfos.

Não é aqui o lugar de enumerar todos os dramas e comédias de Corneille. O que caracteriza suas obras é a alta moralidade que tem suas raízes na profunda piedade do autor. Não é de admirar, portanto, que ele se dedicasse à tradução em versos franceses da cele-

da Igreja naquele país: "Já existem duas paróquias soviéticas, uma em Vilnius, a outra em Rokiskis. Quando um vigário desaparece de sua paróquia — seja por meio de deportação para a Sibéria ou de qualquer outro modo — a administração local nomeia "a pedido geral", um sucessor, desconhecido para todos. Por isto, a população suspeita que nem se trate de um sacerdote, mas sim de um delegado do partido comunista que apenas decorou as orações da Missa. Tanto os comunistas como os funcionários foram avisados que frequentassem em maior número possível estas igrejas para que se mantivesse a ilusão de liberdade religiosa".

(Die Wende — Wien, Áustria).

bérrima "Imitatio Christi", versão que, em 20 anos, viu mais de trinta edições.

Em 1668, seu antigo professor, P. de Lidelle, ia publicar sua "Théologie des Saints". Antes, porém, quis apresentá-la a Corneille. Este escreveu-lhe uma carta em versos. Na última estrofe, o discípulo caracteriza bem o mestre e a si mesmo.

Je fus ton disciple, et peut-être
Que l'heureux éclat de mes vers
Eblouit assez l'univers
Pour faire peu de honte au maître.
Par une leçon plus sainte
Tu m'apprends de quelle façon
Au vice on doit faire la guerre.
Puisse-je en user encor mieux !
Et comme je te dois ma gloire sur

[la terre,
Puisse-je te devoir un jour celle
[des cieux !

Quando compôs estes versos, Corneille achava-se, sem rival, no pináculo da glória. Vinham depois anos duros e de um quase-esquecimento, durante os quais o discípulo aproveitou as lições do mestre saudoso, até que juntou-se-lhe no primeiro dia do Mês do Rosário de 1684, para sempre.

ESCOLA DE GUERRA (XXVI)

47. "Aquele que por algum tempo ou para sempre se retirar do lugar em que tem sua sede a Congregação, faça disso ciência ao Padre Diretor, que, sendo necessário, lhe dará letras patentes assinadas por si ou pelo Presidente, das quais conste que o seu portador é um Congregado, digno de ser admitido, como tal, em qualquer outra Congregação. (1) Os congregados, que por um ano ou mais se ausentarem da sede de sua Congregação, e fixarem residência em lugar onde não possam assistir às reuniões dela, estão obrigados, para ganharem as indulgências, a entrar na Congregação do lugar do novo domicílio, se a houver e for composta de pessoas de sua condição, (2) a não ser que o Diretor dela se oponha ou haja outro impedimento, de que julgará o Diretor da primeira Congregação. (3) Enquanto estiverem ausentes escrevam de tempos a tempos ao Diretor ou ao Presidente; (4) observem, quanto for possível, as práticas de piedade da Congregação; e, estejam onde estiverem, vivam, com pontual fidelidade, uma vida cristã e fervorosa, como convém a bons congregados de Nossa Senhora". (5).

Comentários: (1) Estas letras patentes ou guia de transferência parecem-nos indispensáveis. O diploma não basta: um congregado pode ser excluído; mas não há meio de forçá-lo a devolver o diploma. E, como muitas vezes, ao congregado, por ser congregado, se abrem portas que a não-congregados estão fechadas, existe o perigo de alguém que já não pertence às fileiras marianas, aproveitar-se ilegitimamente do diploma. — (2) É de importância máxima para o Congregado, apresentar-se logo que chegar no lugar de sua nova residência, ao Diretor da C. M. aí existente. Se não o fizer, há gran-

de perigo de passar ele para o lamentavelmente grande número dos que "também já foram congregados". — Entretanto, não se poderá obrigar um membro de uma C. M. de estudantes a entrar numa C. M. digamos, de operários; embora isto muitas vezes possa trazer vantagens, mormente quando no respectivo lugar não houver outra C. M. — A atitude do congregado neste ponto é um critério que permite medir o interesse dele pela C. M. e pela salvação da alma própria. — (3) Quanto a isto, compare o que diz a Regra 29. — (4) Seguir este conselho é garantir a fidelidade ao ideal mariano. — (5) Lembrem-se que, mesmo se não puderem tomar parte ativa na vida de uma C. M., são congregados para sempre, como o prometeram ser no dia da admissão.

O TESTAMENTO DO

LEGIONÁRIO

Em 1925, os Drusos, habitantes do Líbano, na Síria, revoltaram-se contra seus senhores, os franceses. O governo da França enviou destacamentos da Legião Estrangeira para o teatro de guerra.

O legionário F. A. Waterhouse, de nacionalidade inglesa, conta das lutas selvagens aí travadas, em seu livro "Twixt Hell and Allah" (ed. Sampson Low, Marston & Co., Ltd., London).

Um destacamento de 490 legionários achava-se no posto do oásis de Esra, quando foi atacado de surpresa por uma força de 5.000 drusos. A batalha durou vinte minutos apenas. Mas os legionários, apesar de vencedores, contavam somente noventa e três ilesos.

Durante a noite subsequente, Waterhouse estava de sentinela. Lá, sonhando com a longínqua Derbyshire, seu torrão pátrio, ouviu chamar seu nome. O som veio da tenda de lona onde se abrigavam os feridos. Abandonar o posto era faltar ao dever. Mas lá havia quem precisava de conforto. E ele foi.

Um jovem russo — tinha apenas vinte e um anos de idade — chamado Alexander Michael Krukov fora ferido no estômago. O fim dele estava próximo.

"Estou morrendo, Francis", disse ele, "e por isto estou com medo. Não há sacerdote para ouvir-me em confissão, ninguém que rezasse por mim a Nossa Senhora".

Estranhei — escreve Waterhouse — estranhei bastante, porque, se jamais tivesse uma lembrança quanto a este assunto, teria imaginado que ele pertencia à igreja ortodoxa russa. E de mais a mais, em muitas ocasiões ouvira-o falar bastante mal da Igreja e do sacerdócio.

Quando fazia um fraco esforço de falar na possibilidade de um restabelecimento, Alexander limpou uma mancha de sangue da boca e disse:

"Você não é do meu povo ou... ou da minha religião, Francis. Mas você é inglês. Quer chamar-me meu amigo Alexis? Ele tem que fazer-me um favor".

Alexis veio. Gentilmente colocou sua enorme mão na cabeça do moribundo e inclinou-se para receber

CANTINHO LITÚRGICO

A primeira das duas lições bíblicas chama-se Epístola.

Dá-se-lhe este nome porque a maior parte destas lições é tirada das epístolas ou seja cartas dos Apóstolos, principalmente de São Paulo. Mas também o Antigo Testamento fornece textos para esta parte de sta. Missa. Os Profetas e os Apóstolos foram os órgãos do Espírito Santo e deviam, aqueles preparar o mundo para a vinda do Salvador, estes anunciar aos povos o fato consumado da Redenção.

Geralmente, há só uma epístola em cada Missa. Em determinados dias, entretanto, ocorrem duas, ou mais, até seis lições. Neste último caso, as cinco primeiras são tiradas do Antigo Testamento, a sexta do Novo Testamento.

Na Missa solene, a epístola é cantada pelo subdiácono.

No fim desta lição, o ajudante de Missa diz: "Deo gratias!" E, realmente, que é mais conveniente do que o protesto de nossa gratidão pela mensagem divina? Entretanto, quantos católicos nunca se lembram de agradecer pelo inestimável benefício da fé! Não se lembram da afirmação do Salvador: que o homem não vive só do pão, mas de cada palavra que vem da boca de Deus. Em cada Missa, é-nos oferecido este alimento vital.

a última lembrança a sua mãe, noiva ou esposa. Mas, em vez disto, disse:

"Quando morrer, Alexis, serei enterrado na areia e virão os cães e... e tenho medo. Na minha túnica, cosido no forro, acharás, meu amigo, vinte e cinco francos. São meus últimos vinte e cinco francos e eu os guardei para este momento. Se escapares deste inferno, Alexis, queres ir ao primeiro sacerdote que pudeses encontrar e dar-lhe estes vinte e cinco francos? Contalhe como morri, pede-lhe que acenda uma vela no altar da Santíssima Virgem por mim e diga uma Missa por minha alma".

Alexis assentiu em silêncio. Em silêncio, retiramo-nos, ele para a cama, eu para o meu posto no parapeito. Na manhã seguinte Alexander estava morto. Alexis abriu a túnica, retirou os vinte e cinco francos e guardou-os da mesma maneira na dele.

Três meses mais tarde, Alexis morreu em combate. Mas antes de expirar, entregou o dinheiro de Alexander a um compatriota que prometeu executar o desejo deste. Na mesma hora, também este homem foi morto ao meu lado, sem ter o tempo de passar adiante sua incumbência. Mas fui eu quem o enterrei. Tirei de seu bolso essas amarrotadas e rasgadas notas de vinte e cinco francos, resolvido a dar-lhes o destino desejado.

Foi dezoito meses mais tarde que entrei na casa canônica da catedral de Westminster e contei a morte do rapaz a um sacerdote.

Naquele dia, um cirio solitário ardia numa das pequenas capelas da vasta catedral; a Missa foi rezada e dada a absolvição para o conforto da alma do moço como ele desejara.

CRISTO OU BARRABÁS?

por DANIEL A. LORD, S. J.

(Tradução)

(Conclusão)

Contudo, quando seus torturados olhos procuravam um rosto amigo, não encontraram nada senão os grotescos vincos abertos pelo ódio, desgosto e revulsão. Que desvario horrível era este, nestes seres? Como podiam eles estender seus braços para um assassino e lançar para a sargeta o homem que não lhes tinha feito senão gentileza, e bondade, e bem?

Então eu vi Pilatos.

Sua cabeça parecia bambaleiar de um lado para o outro, como um lutador batido por um pugilista cuja força a vítima subestimara.

Voltou-se, primeiro, com agudo desgosto para Barrabás; então, estonteado, para o homem rejeitado à sua direita. Esquadrinhou, qual um miope, a massa, como se estivesse convencido que havia alguma ilusão óptica que, inevitavelmente, devesse transformar-se numa realidade tranquilizadora. Levantou as mãos nervosas e cruzou-as sobre o peito; então passou os dedos incertos ao longo da face. Parecia que ia olhar para nós; mas reteve-se e, em vez disto, fixou o terraço vazio aos seus pés.

Durante todo este tempo, ao redor dele o clamor do populacho crescia de volume. A berraria parecia ter força física que, em pouco, o agarrasse e o carregasse adiante.

A voz de Prócula fez-se ouvir de novo. Não falou para mim... para ninguém perto dela, mas estendendo-se pelo espaço ao marido, arrastando-se, forçando um caminho, lutando com todo o poder de seu amor afim de sustentar a coragem deste, afim de empurrá-lo para o caminho certo.

"Escolhe!" ouvi-a respirar. "Escolhe antes que seja tarde demais. A escolha não é deles só, da ralé. É tua, meu marido... é minha... é a de Philo... é a escolha de todo homem e de toda mulher que vive. Escolhe! Escolhe comigo o Cristo que nós ama, não o mal que assassina nossas almas. Escolhe, meu marido, escolhe!"

Escolheu. Mas, mais uma vez, não foi tanto uma escolha, senão uma fuga da escolha.

Dramaticamente lavou as mãos. Dramaticamente desafiou-os que chamassem sobre suas cabeças culposas o sangue do inocente. Desdenhosamente desviou-se para o lado, enquanto o populacho selvagem invadiu o terraço, levantando sobre suas cabeças o ainda atônito e vociferante Barrabás e carregando-o em triunfo, como se fosse um herói conquistador ou um grande bemfeitor.

Deu um sinal meio indeciso aos soldados que, então, afastaram os homens que surgiam ao redor do prisioneiro à direita. Os legionários, ficando Ele no centro, formaram um quadrado, levaram-no pela escada abaixo para um pátio, onde, como eu sabia, encostadas as paredes de cimento, esperavam cruzes para serem escolhidas conforme o peso do condenado.

Pilatos voltou-se mais uma vez para a multidão, não sabendo se devia ficar furioso consigo mesmo ou com ela pelo truque que falara. Vi como ele, com sua bota, empurrou para trás um rosto que se tinha insinuado por sobre a borda do terraço. Atirou sua longa capa carmesim sobre os ombros e a toga branca e voltou ao palácio.

Lá fora, a ralé esperava impacientemente o reaparecimento do inocente que tinha sido votado para a morte na cruz.

Vagarosamente, D. Prócula voltou-se da janela, punhos cerrados, o corpo rígido de dor, de horror — foi determinação também?

"Tu e eu não respondemos a seu desafio, Philo", disse, não olhando para mim. "Não fizemos a nossa escolha".

Ah, mas eu a fiz. Fútil como minha decisão parecia, eu não tinha escolhido com a ralé. Não houvera possibilidade de enganar-se: a alternativa dirigira-se a todos nós. Tivêramos que escolher, como ela mesma vira, entre o assassino de almas e corpos e a maior pessoa que já mais viveu.

"Minha Senhora", respondi, muito quieto, "eu fiz minha escolha. Como podia tomar o assassino, quando meu coração voou para Jesus, que com razão é chamado o Cristo?"

Atravessou o aposento, falando tranquilamente enquanto caminhava.

"E eu também escolhi. Tens razão. Quem poderia escolher de outro modo?" Então ela voltou-se rapidamente, e sua voz elevou-se como uma queixa. "Ah, mas ele o fez. Escolheu o assassino, a ralé, o orgulho dos sacerdotes, o terrorismo da multidão, seu futuro com Cesar... Preferiu tudo isto ao Salvador".

Mais uma vez ela se virou e quase correndo atravessou o quarto em direção à porta.

"Contudo, ainda não é demasiado tarde. Se ele me deixar, quero ajudá-lo a emendar esta escolha..."

Seu grito sumiu-se, enquanto ela se atirava porta a fora.

Mas isto, meus filhos, foi o começo do afastamento dos dois caminhos. Eu sabia-o então. Via-o mais claramente durante os seguintes poucos meses. Ele tivera a grande oportunidade de sua vida, a chance de ser o protetor e defensor do Salvador do mundo, e ele não ousara escolher. Ela tinha oferecido seu coração a Cristo e feito a grande decisão. A vida de cada um deles nunca mais seguiria a mesma estrada.

Chorei-o. Ela chorou, eu o sei. Talvez no fim, quando, suicida, caiu do penhasco, ele desfizesse o passado e fizesse aquela escolha.

Quem sabe?

As vezes, na minha velhice, revivo aquela cena. Imagina que tivesse preferido o assassino?

Posso ouvir a ralé bradar por sangue e ver as três figuras paradas aí, à frente como o bem e o mal e a indecisão encarnados. Lá

estava Pilatos, certo de seu truque; e Barrabás, assassínio atrás de si e assassínio em sua frente; e Jesus, o amante da humanidade. E sinto calafrios ao pensar que pudesse ter falhado na escolha.

Entretanto, mil vezes ao dia, esta decisão deve ser tomada. Vós deveis tomá-la, meus filhos; e eu o devo. Oh perpétua e repetida escolha!

Escolheremos o assassino, o prazer, em vez do Cristo puro?

Escolheremos aquele mau, fétido pensamento, em vez do Homem-Deus?

Estenderemos nossas mãos para

o mal e o pecado, quando podemos tomar em nossos braços o Salvador do mundo?

Uma vez, há muitos e muitos anos, eu me decidi — sim, e desde então, mil vezes.

Mas pobre Pilatos! Pobre ralé! Pobres pecadores e pecadoras!

Meus filhos, qual será a decisão que tomareis agora e em cada difícil momento de tentação?

Cristo ou Barrabás?

Vida ou morte?

O pecado, o assassino, ou a fé e o amor que tornam livres os homens?

AMOR E SÓ AMOR

por DANIEL A. LORD, S. J.

(Tradução)

Somos uma geração romântica, não há que duvidar.

Os nossos instintos românticos têm sido cultivados deliberadamente por escritores, trovadores, produtores de fitas de cinema, mais velhos nossos, nem sempre em demasia sábios.

Penetra na vida de quase todos — dizem-nos — com necessidade um tempo em que o amor romântico parece ser tudo quanto importa. Amor e só amor. Que poderia opor-se, então?

Às vezes, pode ser que esta forte atração romântica, esta afeição física que pode combinar-se com um forte desejo da união de vidas, signifique que as duas pessoas possam casar e estar casadas contentemente para uma vida inteira.

O primeiro impulso é apoiado por muitas cousas importantes. Há gostos que combinam e fundos que se entrecem. Há almas que impõem respeito, e há a virtude que engendra este respeito. Há a culminância de um cortejar dignificado que leva o jovem par ao altar de Deus onde um sacramento consagra suas vidas.

Esplêndido.

Mas se for o caso que a atração romântica vem em forma de apenas uma grande perturbação emocional... se mil razões gritam que isto não é realmente amor nenhum, mas fascinação e paixão descontrolada... se, com toda a sua física e romântica insistência, o homem e a mulher não tornassem duravelmente feliz um ao outro ou obtivessem a entrada na vida conjugal por um preço alto demais...

Amor inaceitável. Pois a atração romântica pode muito facilmente apresentar-se a pessoas que em circunstância nenhuma deveriam permitir que ela as levasse mais longe. O rápido relampejar da fascinação, quando um dos dois já está casado. Um são juízo pode levantar um dedo ameaçador e gritar: "Alto, isto não pode ser".

A literatura nunca esteve bem segura se uma pessoa emocionalmente enfeitiçada é uma futura

cômica ou trágica. Geralmente, ele ou ela é um pouco das duas. Porque, sem dúvida, o romance costuma exagerar bastante. A fascinação que se parece com o amor verdadeiro, torna a outra pessoa totalmente desejável. Desejo e tristeza tornam-se companheiros gêmeos. A pessoa fascinante eleva-se tão alto que deita uma sombra sobre tudo o mais. A mesma vida parece sem valor, em tais momentos, sem a realização do que passa por amor.

Não preciso lembrar a um leitor, mesmo relativamente irrefletido, que as consequências do amor são bastante duráveis... ou deveriam sê-lo. Dois jovens contemplam um ao outro e sentem forte a atração. Cada um desperta no outro ondas de sensações; acham-se elétricos, na companhia um do outro, e a tarde passa como um segundo de conto de fadas. Entretanto, isto é só o começo. Este amor pode transformar-se em casamento, longos anos de vida em comum, na fundação de um lar e o estabelecimento de uma família. Apesar da trova antiga, o clímax da vida não é a lua de mel. E se a lua de mel depressa findar, deixando

"Moças mais tristes, homens mais sabidos",

têm razão, quando notam que permitiram que se lhes pregasse uma peça de mau gosto.

Amor genuíno é uma atração permanente que se baseia não somente na fascinação física, mas no respeito mútuo. Deve significar a porta aberta para um conjunto longo e estável. É o convite de Deus para o sacramento do matrimônio, e este sacramento, por sua vez, é o início de uma vida de uma bela sociedade em vista da criação de uma paz doméstica, de virtudes e de vida humana.

Fascinação pode ser enganosa. O amor deve merecer confiança bastante, para ser usado como fundamento de uma vida totalmente nova.

Os Modernos e o Amor: Muitos modernos pensam bastante casual

Para um espanhol não há purgatório. Céu ou inferno, santo ou pecador. Simplesmente, não há meio termo.

Houve um tempo, em que Manuel foi um santo — um daqueles querubicos anjinhos que ajudavam a Missa na catedral de Madri, um querubim, nascido tarde demais para ser pintado por Murillo aos pés da Madonna. Dez contra um, seus antepassados serviram de modelo para Murillo. Fôra de dúvida, o rosto de Manuel, aquele rostinho largo, redondo, vermelho e creme, e suas massas de preto cabelo anelado, substituindo a gloriola, continuavam uma tradição de santidade inata. Mas, coroinhas nem sempre ficam sacerdotes... e santinhos podem ser transformados em...

Esta é a história, isto e aqueles seus anéis. As meninas gostavam dele por causa dos cabelos anelados. Mulheres faziam-no parar, quando ia ajudar a Missa, e corriam os dedos pela reluzente massa dos pesados anéis. Os outros meninos mexeram com ele; chamaram-no de "cabeludo"... e uma vez, roubou a navalha do pai e raspou metade da cabeça antes que a mãe o apanhasse e chorasse desesperadamente os estragos que lhe pareciam irreparáveis. Mas pouco depois, ele notou como os olhos das moças brilharam quando olhavam disfarçadamente através de suas mantilhas a massa labiríntica de seus anéis.

Então começou a cuidar laboriosamente dos anéis. Mandava-os cortar justamente com o comprimento conveniente; o comprimento que tornava os anéis fortemente masculinos, sem, entretanto, nada perderem de sua vívida fascinação. Depois deixou crescer discretas suíças nas faces cor de azeitona e imitava os modos do toureiro então em voga. E as moças gostavam dele, e ele gostava delas, e sua mãe chorava muito, e ele não só parou com o ajudar a Missa, mas já não se importava com ir à Missa... e, primeiro, voltava para casa furtivamente, nas pontas dos pés, depois entrava esbravejando e farroneando e bambaleando, de volta de uma reunião de seu bando

e superficialmente sobre o amor. Amor, eles te provarão com seus romances ou seus dramas, é realmente tudo o que importa. Vastas quantidades de literatura barata mascateiam, ano por ano, esta simples tese: Quando duas pessoas estão enamoradas, quando sentem esta fatal fascinação um pelo outro, nada mais conta, em realidade. O amor antes de tudo. E, numa estranha perversão de moralidade, diz-se que o amor endireita tudo.

Lamentavelmente, grande número de gente estão agindo como se este amor de novela barata fosse uma sã e bem razoável filosofia.

Muito, muito demais peças tiveram, em anos recentes, sua culminância nesta altamente romântica cena. Embora ele já tenha uma esposa e ela um marido, descobrem que sua fascinação mútua os separa de amigos, lar, dos deveres e tradições de suas vidas.

(Continúa)

A COROA FATÍDICA

(TRADUÇÃO)

num dos subterrâneos mais escuros de Madri.

"Estes cabelos serão ainda tua ruína", choramingava a mãe e desejava que não tivessem crescido de novo, quando ele os raspava. Se o pai vivera ainda, teria posto um fim a isto com a correia destinada às navalhas desafiadas. Não tinha pai. Desta forma, no princípio, aguentava calado as lágrimas da mãe, depois, engrolava protestos; finalmente, disse-lhe que calasse a boca, lembrando-lhe que já era homem.

Ele era homem, muito homem; moço, forte, com músculos que cresciam apesar de sua vida vadia, ombros largos, e uma boca que, primeiro, parecia sensual, depois, cínica, e por fim, brutal e cruel.

Sua mãe morreu.

Ela morreu antes que visse os primeiros sinais de uma calva bem no centro do crânio. Morreu antes que pudesse vê-lo esfregar o couro cabeludo com drogas para restabelecer a causa do orgulho de sua juventude, enquanto contraia a face, aborrecido e zangado. Como muitos homens de cabelos bellos, estava-os perdendo, tendo apenas uns vinte e poucos anos, e temia o dia em que estivesse calvo e as moças lhe sorrissem menos prontamente, e ele tivesse que renunciar àquele gesto dramático de correr a mão pela densa cabeleira e atirar os dedos para a frente numa pose de força e eloquência de orador nato.

Pois, nos subterrâneos de Madri, encontrou sua espécie de humanidade. Foi uma pequena onda no crescente oceano que estava vermelho e a ferver, e Manuel elevava-se um tantinho sobre os mais.

Um homem do quartel general secretamente bateu-lhe no ombro, dizendo-lhe que ele, Manuel tinha poder e que, caso usasse bem este poder, seria, um dia, grande chefe. Moscou talvez se interessasse por ele, disse-lhe o chefe de Madri, na noite em que se encontraram num quatinho dos fundos de uma taverna, conhecida como "A Espada Sangrenta".

"Você é bom, Manuel", disse o chefe. Mas ele não entendia este "bom" como, em tempos idos, a mãe de Manuel o entendia. Você é esperto e sabido e sem escrúpulos. Você deu um pontapé em seu Deus, mandando-o para o boeiro e livrou-se do ópio do povo. Faça como lhe dizem; obedeça sem perguntar e cuide que os seus comandados lhe obedecem da mesma maneira. E quando vier o nosso dia, você subirá, e subirá, e subirá".

Os dedos eloquentes do chefe acompanharam com gestos sugestivos as promessas de promoções sucessivas, e então ele lhe tocou no braço. "Porque", continuou o chefe, "nosso dia há de chegar mais cedo do que você pensa".

x x x

Naquela noite, na taverna onde ele costumava reunir sua célula, Manoel foi arrogante e severo. Havia muito que não mais sorria. Deixai o sorriso aos homens frá-

cos com sua vacilante fé em Deus e seu amor à Virgem. Entre si os homens do movimento iam carrancudos, guardavam seus lábios em linhas estreitas e firmes e economizavam seus sorrisos para o dia em que as cabeças de seus inimigos rolassem nas praças públicas da Espanha.

Manuel estava mais sombrio e carrancudo do que nunca, naquela noite.

"O líder disse que nossa hora", Manuel rosnou para seus companheiros de célula ao redor dele, "está para soar em breve. Estaremos prontos".

Avançou seu rosto bem para dentro do clarão da lâmpada. Fazendo isto, um dos camaradas riu. A cabeça de Manuel recuou como atingido por um golpe repentino. Virou-se para encarar o culpado.

"Então, você ri", disse, com sua profunda, dramática voz. Tomou a pose do chefe de contrabandistas que ele, uma vez, tinha visto em "Carmen" — pose que ele conscienciosamente cultivava. "Então, você ri". Seus fortes dedos cravaram-se agudos no braço do culpado, torcendo a carne, até que o camarada recuou e aspirou ruidosamente através de dentes cerrados. "Você ri. E porque?"

"Porque", disse o camarada, contorcendo seus ombros com a dor que se alastrou como fogo pelos músculos machucados, "quando você se inclinou para a frente, dizendo aquilo, a luz refletiu-se na sua calva".

O rosto de Manuel empalideceu de raiva. Seus dedos cravaram-se com maior veemência.

"Desculpe", choramingou o culpado, "desculpe. Mas, por um momento, quando vi aquela placa, redonda e lisa, no centro de sua cabeça, lembrei-me da tonsura, da boba e estúpida coroa dos sacerdotes". Seu grito de dor foi muito genuíno desta vez. "Pare, Manuel. Você se parece tão pouco com um sacerdote, tão em contradição com tudo quanto querem e dizem... achei graça".

Manuel soltou o braço que a vítima esfregou com uns dedos simpáticos. Pensativo, Manuel tocou a parte calva. Cismou mais uma vez, como tinha cismado mil vezes, por que de repente seus anéis deixaram de cair, e por que justamente um lugar, redondo como uma moeda, devesse marcar o alto de sua cabeça.

Então, ele também riu.

"O homem deve levar a marca da firma que o marcou. Uma vez um coroinha..." cuspiu, "fica sempre marcado com a praga", completou. A vítima sabia que estava perdoada. Mas para a seguinte reunião, Manuel trouxe um pequeno topete que ele tinha fixado com cera de sapateiro, para encobrir o lugar calvo. Magnanimamente perdoara o descuido; ele podia encobrir a causa do descuido.

x x x

Então, a palavra de ordem chegou. Moscou falou, e os líderes,

numa centena de povoações espanholas, responderam, e a rale, treinada em tavernas e subterrâneos, foi vomitada para as ruas, bandos de lobos a dar caça aos sacerdotes e freiras, soldados consagrados do único exército que os vermelhos realmente temiam. Em breve, Madri tremia no aperto deles. As células transformaram-se em companhias comandadas, e as companhias confluíram para formar regimentos — sem uniformes, mas com abundância de fusis: sem uma frente de batalha, mas com as ruas por campos de chacina; sem um inimigo, senão o homem e a mulher que, outrora, foram seus compatriotas.

Manuel estava bem na frente. Foi ele quem saqueou o convento no extremo sul da cidade e atirou as freiras aos seus homens. Foi ele quem abateu com um tiro o gordo cônego que, indo sacramentar um moribundo, se desfizera da batina, vestindo roupas seculares.

Manuel, com o pé, rolou-o para o outro lado e tirou-lhe o chapéu mole de feltro.

"Eles se disfarçarão". Riu-se; porque agora tinham razão de rir-se. "Mas movimentar-nos-emos tão depressa que seu disfarce será inútil". Com a ponta de sua botina tocou a branca, bem raspada tonsura do assassinado. "Nossa coroa", gritou, "daqui em diante, nossa coroa".

Os homens riram com ele e, com as coronhas de suas armas, batiam no corpo do cônego prostrado. E a palavra circulou por toda a Espanha vermelha: "A tonsura é nossa coroa. Atirai na coroa".

Aquela noite, o chefe mandou-o chamar.

"Manuel", disse o líder, "você é bom". Mais uma vez, Manuel enrubescou, porque sabia que bom significava mau bastante para ser amado pelos vilões. "Esta noite você irá como meu enviado. Você conhece a cidadezinha de..." Sussurrou o nome. Manuel meneou a cabeça. "Bem", disse o chefe. "Tanto melhor. Desta vez você vai espionar por mim. Há lá um camarada em que não confio. Ele diz que é dos nossos, mas eu suspeito... Se você vai como estrangeiro e, na quinta feira que vem, o observar, na sombra, quando ele ataca o mosteiro de S. João..."

Seu coração rebentando de orgulho, Manuel inclinou-se para a frente, engoliu sófregamente as ordens, tomou das moedas que lhe deviam pagar a passagem, levantou-se, ergueu um punho fechado, e tinha desaparecido na noite escura. Ele estava subindo... subindo... subindo...

Suas ordens trouxeram-no à cidade ao cair da noite. Suas ordens trouxeram-no ao portão do outro lado da rua, em frente do mosteiro. Envolvendo-se na larga capa, retrocedeu bem nas sombras. Curta foi sua espera, pois outras ordens tinham posto em movimento o homem suspeito e seus camaradas. De muito perto o repentino grito do bando de lobos sedentos de sangue sangrou a noite. As potências fracas luzes do mosteiro apagaram-se depressa. Manuel riu-se

(Continúa)